

Exercícios de Utopia

Francisco Carvalho

A vaidade é um rótulo falso que os tolos carregam debaixo do braço.

A casa desmorona mas os retratos continuam sorrindo nas paredes.

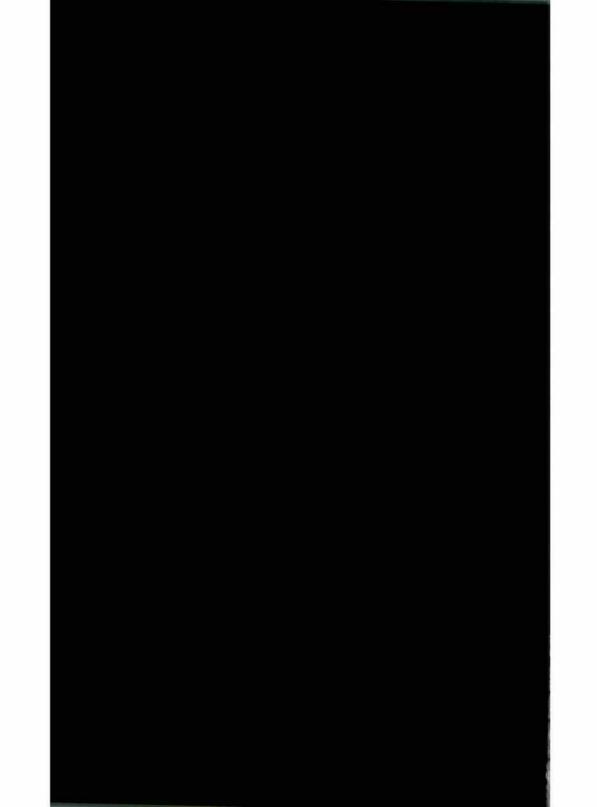
A vida é uma escola onde não se aprende a morrer.

A terra é o derradeiro exílio do homem.

O sapo, de tão feio, às vezes parece o câncer do seio.

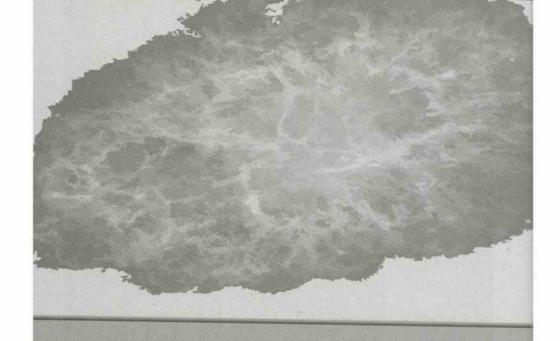
A jovem índia não sabe que o beijo é a romã da língua.

Em qualquer fenda da insônia, um grilo arma a sua tenda.



Exercícios de Utopia poemas

Dio como Poede Soures Seitosa, com a genovada astrona do Transcento



Exercícios de Utopia poemas

Francisco Carvalho

Exercícios de Utopia poemas

BIBLIOTECA CURURU: Este livro não é para guardar. É para ler ou apenas folhear e passar adiante. Com isto, novos leitores e o incentivo ao bom hábito de ler. Deixe-o "perdido" na próxima esquina, no banco do jordim, na cadeira do consultório, etc, de modo que outros possam achá-lo. Uma campanha do JORNAL DE POESIA: www.jornaldepoesia.jor.br

Exercícios de Utopia

© 2009 Copyright by Francisco Carvalho Impresso no Brasil / Printed in Brazil Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Projeto Gráfico e Capa

Carlos Alberto Alexandre Dantas

Revisão Gramatical e Estilística de Textos

O Autor

Fonte

AG Book Rounded 12

Nota

Neste volume estão reunidos alguns textos inéditos, além de trechos de vários poemas publicados pelo autor em edições do final do século passado. Visto que não se lê poesia, pode-se considerar que se trata de livro inédito.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C 331e Carvalho, Francisco

Exercícios de utopia: poemas / Francisco Carvalho. – Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

100p.

ISBN: 978-85-7563-359-5

1. Poesia Brasileira 2. Poesia Cearense I. Título.

CDD: B 869.1 CDD: 869.0(81)-1

Homenagens

Fatias do ontem e do amanhã: / a eternidade me contém.

ASTRID CABRAL

Do outro lado do desejo / Tartarugas voam.

Bernadete Beserra

O sonho de um é parte da memória de todos.

Jorge Luis Borges

Nas águas do cisne, o rumor decepado.

Jorge Tufic

E nos pés / o triste emudecer das laranjas.

José Alcides Pinto

Minha vida é como uma janela aberta sobre a Ásia. Lêpo Ivo

> O poema é uma pedra no abismo. Mário Quintana

Alguém que é feliz a vida inteira não passa de um cretino.

UMBERTO ECO

Os bois, esmaecidos nessa luz. Virgílio Maia



Exercícios de Utopia poemas

SUMÁRIO

Apresentação – **Da Utopia à Eutopia** GILBERTO MENDONÇA TELES, 11

1. Acredito nos anjos, 17. 2. Os pobres estão nas ruas, 17. 3. Na mesa repleta, 17. 4. Déspotas de todos, 17. 5. Teu corpo é uma âncora, 18. 6. Crepúsculo de ouro, 18. 7. Os olhos da luxúria, 18. 8. Até a espuma das ondas, 18. 9. A vaidade é um rótulo falso, 19. 10. A noite é um abutre, 19. 11. Os arranha-céus são árvores, 19. 12. Aos raios da manhã, 20. 13. Os tolos gostam dos, 20. 14. O amor é essa flor, 20. 15. A vida é um banquete, 21. 16. A poesia está nos insetos, 21. 17. Está no copo de vinho, 21. 18. O mito nos visita, 22. 19. A casa é o lugar, 22. 20. O mar namora, 22. 21. Se olho para o céu, 23. 22. As velhas paredes, 23. 23. Às vezes sonho, 23. 24. Tudo nos foge, tudo, 23. 25. Meus olhos sonham, 24. 26. Sobre os teus ossos, 24. 27. A poesia está nos estios, 24. 28. 29. O vento escreve, 25. **30.** O trem de ferro, 25. **31.** O tempo expulsa, 27. **31.** Golpe de vista, 27. 32. Aonde quer que eu vá, 28. 33. Peixe frito, 29. 34. A noiva, 29. 35. Todo mundo, 30. 36. Em seu vestido, 30. 37. A socialaite, 30. 38. A poesia está, 31. 39. Gente não é de ferro, 31. 40. Todos morremos, 31. 41. A borboleta, 32. 42. A voz da pátria gorjeia, 32. 43. A lágrima, 33. 44. A vida é uma escola, 33. **45.** A locomotiva, 34. **46.** A onda veio de longe, 35. **47.** Vi um anjo ancorado no pórtico, 36. 48. Morrer tão completamente, 36. 49. Dizem que o boto, 37. 50. Queimei os meus navios, 38. **51.** O amor é a cobra, 38. **52.** Dizem que os mortos, 39. 53. O mundo é uma estação, 39. 54. Num asilo para idosos, 39. **55.** Uma pedra te espera, 40. **56.** Morrer como quem se afoga, 40. 57. A terra, 40. 58. A chuva alaga os campos, 40. 59. Expulsa pela seresta, 42. 60. Na tarde de angras e âncoras, 43. **61.** O tempo refaz a utopia, 43. **62.** Um dreno na boca, 44.

63. Eras do reino de Nápoles, 44. 64. Estou a mil anos-luz da aurora, 45. 65. A terra é dos mortos, 45. 66. A jovem índia, 45. 67. A palavra é uma dança de serpente, 46. 68. Estava escrito nos livros e nos astros, 46. 69. Teu corpo desidratado, 46. 70. O galo está morto, 47. 71. A alma nos cavalga em sonho, 48. 72. A água canta nas fendas da pedra, 48. 73. Amoras e amores despencam, 48. 74. Ninguém para decifrar o léxico dos bêbados, 49. **75.** Todas as noites sou seduzido pela cosmogonia, 49. **76.** Passo a passo o vento nos semeia onde, 49. 77. Não basta o trigo para tanta fome, 50. 78. Sob este mármore negro, 50. 79. Os que mais zombaram, 50. 80. Velas, aos prantos, 51. 81. Tudo vale a pena, 53. 82. Rezei em memória do vento, 53. 83. A límpida lâmpada, 53. 84. Cadeira a barlavento, 54. 85. Andorinhas de volta ao campanário, 54. 86. Ó pássaros vestidos de argonautas, 54. 87. O espelho dessas águas me recorda, 55. 88. Éguas exalam seu odor atávico, 55. 89. Meninas vão florindo nas estradas, 55. 90. A poesia é uma diáspora de palavras, 56. 91. Sou a tua perna, 56. 92. Na tarde de chuva fina, 57. 93. A noite é uma égua, 58. 94. O sol veleja no céu, 58. **95.** Cavalo é aguilo, 58. **96.** Sou uma barca, 59. **97.** Sou um campo de centeio, 59. 98. Tuas coxas são dois cedros, 60. 99. Não adianta olhar para trás, 60. 100. A mesa, as cadeiras, a janela, 61. 101. Tantos são os mortos no meu caminho, 61. 102. Viver é como tomar, 62. 103. Entre no ritmo da vida, 62. 104. A mulher finge que dorme, 63. 105. O morto começa a apodrecer, 63. 106. Todos os dias acordo para os mesmos rituais, 63. 107. Aquele ministro, 64. 108. Não passamos, 64. 109. No momento em que te levantas, 64. 110. Vida, casulo de seda, 65. 111. Teu verdadeiro rosto está soterrado no limo do id., 65. 112. Poucos são os convidados ao banquete da vida,

Teus cabelos dilacerados já não são os mesmos, 66. **115.** O poema é do sexo feminino, 67. **116.** Enquanto o céu me entra

66. 113. A vida me tem seduzido com todas as suas, 66. 114.

pela janela, 67. 117. O homem não é um deus acima, 68. 118. O homem é o mito do homem, 68. 119. Um poema, 69. 120. Carregamos no peito, 69. 121. Enguanto o mar, 69. 122. A luz gorjeia no zênite, 70. 123. Recordo a sala, 70. 124. A pedra é o pórtico do mito, 70. 125. A pedra vê o homem, 70. 126. Onde estou, 71. 127. Agora penso no teu corpo, 71. 128. Cada qual, 71. **129.** As palavras, 72. **130.** Teu corpo é a memória, 72. 131. Certas coisas nos seduzem, 72. 132. À noite o mistério, 73. **133.** Meio-dia, 73. **134.** Guarda-te da porta aberta, 73. 135. À noite todas as coisas, 74. 136. As pedras são súplicas, 74. 137. Todos os caminhos começam, 74. 138. Todos somos estranhos, 75. 139. A tarde feita de areia e espumas, 75. 140. Lá vai o trem fumegando, 75. 141. Não basta fitar de perto os acontecimentos, 76. 142. Os profetas são fantasmas, 76. 143. A morte é a derradeira, 77. 144. Os grandes homens já não existem, 77. 145. Noite de movimentos, 77. 146. Pássaro lascivo, 78. 147. as palavras, 78. 148. O poeta é alfa e ômega, 79. 149. Nuvem de cabelos crespos, 79. 150. Os espelhos de Borges e a diversa, 80. 151. Passas por mim roçando-te por fadas, 81. 152. Sou o rascunho dum pássaro, 81. 153. Teu corpo é uma arquitetura de cinza e areia, 82. 154. Rumor de vento e águas acendidas, 82. 155. Um dia a mais, 83. 156. Era um negro luzidio, 83. 157. De tua placenta de ouro, 84. 158. Dioniso te arrebata, 85. **159.** Um banquete para celebridades políticas, 85. 160. O Rio São Francisco é uma serpente, 86. **161.** É a sombra da vela, 87. **162.** Na parede da sala, 88. **163.** A morte é branca, 89. 164. A beleza é fundamental, 90. 165. O tempo é uma, 90. 166. A tarde repousa, 91. 167. Nos raios da estrela, 92. 168. Subitamente descobrimos o acaso, 92. 169. peixe de água doce, 93. 170. não é de agora, 94. 171. Na noite negra, 94. 172. Parte de mim, 96. 173. Muda de barraco, 97. 174. Quem é que tosse, 98. 175. raios dos olhos dos tigres, 100.



Exercícios de Utopia

Da Utopia à Eutopia

GILBERTO MENDONÇA TELES¹

O mais recente livro de poemas do cearense Francisco Carvalho, um dos melhores e mais profícuos poetas da literatura brasileira na atualidade, se denomina *Exercícios de utopia*, no qual o poeta faz homenagem a Lêdo Ivo, Jorge Luís Borges, Mário Quintana, Umberto Eco, Jorge Tufic, Bernadete Beserra, Virgílio Maia e José Alcides Pinto, transcrevendo um verso de cada um deles, em forma de epígrafe, como o "E nos pés / o triste emudecer das laranjas", de José Alcides Pinto, recentemente falecido. A metade dos poetas homenageados é do Ceará, o que não deixa de definir, além de um legado intelectual, um território lírico emocional, de onde emergem os temas e a linguagem da maior parte dos poemas de seu livro.

Na carta com que me encaminhou os seus originais, Francisco Carvalho explica que reuniu "alguns poemas inéditos e trechos de poemas publicados no final do século passado. Visto que não se lê poesia, pode-se considerar que se trata de livro inédito". Tal observação pode explicar a estrutura monolítica dos seus *Exercícios de utopia*, cujos poemas, sem títulos, numerados de 1 a 175, passam inicialmente a ideia de um longo poema com estrofes e versos ricamente variados, o que não deixa de ser verdade. A leitura de cada texto numerado vai revelando a variedade de temas, formas e relações estilísticas presentes ao longo da sua produção literária. É como se o poeta, no alto dos seus oitenta anos, quisesse nos dizer, um tanto humildemente,

Poeta e crítico. Professor Emérito da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Universidade Federal de Goiás (UFG); Professor Titular do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF).

que os 175 poemas (ou fragmentos de poemas) estão aí, no livro para simbolizar a duplicação de sua vida, repartida entre o trabalho burocrático e anônimo da universidade e o da contínua criação poética que lhe deu nome e lugar de destaque na poesia brasileira contemporânea. No entanto, não deixa de ser também uma reunião de textos de fundo de gaveta – anotações de versos para serem concluídos, poemas inacabados e, claro, excelentes poemas que ficaram de fora ou vieram depois de livros publicados.

Em 1982, ao justificar o meu voto na 1ª Bienal de Literatura, escrevi que o livro Quadrante Solar (que concorria com pseudônimo) merecia o primeiro prêmio porque possuía o sentido de celebração das coisas simples, dos acontecimentos cotidianos, espécie de metafísica do comum fundada numa concepção religiosa do mundo ou pelo menos do mundo vivido pela excelente linguagem do poeta. Quatorze anos depois, na recepção do título de Professor Honoris Causa da Universidade Federal do Ceará, examinando melhor a grande produção poética de Francisco Carvalho, não vacilei em escrever que "O que poderia inicialmente parecer apenas uma estatística de quantidade deve ser visto como coerência na construção de um projeto literário inteiramente voltado para a poesia, nas suas mais diversas formas de expressão". E pude aprofundar a leitura de alguns de seus poemas, como o soneto "O Deus sombrio", de Pastoral dos dias maduros, de 1977:

A solidão, meu Deus, essa cadela insigne, anda comigo e meu destino. Esta tarde é outra tarde. Não aquela tarde de aldeia em que nem sol nem sino

celebraram meu sonho. Hora e estrela são achas que se acendem no menino quando o arcanjo se encolhe, e uma janela se abre para as terras do divino.

12

Esta tarde é outra tarde, e em mim se deita seu perfil de afogada, a gotejar restos de eternidade rarefeita

de que somos o enigma por ceifar. Esta tarde é uma ponte, e eu sou o rio que adoça espigas para um deus sombrio.

Sobre ele, anotei que o Deus do primeiro verso é maiúsculo, enquanto o do último é minúsculo. Entre os dois – escrevi – estende-se a distância entre o sobrenatural e o natural, entre o anjo que se encolhe e a janela que se abre para o divino, motivando a bela imagem da tarde que goteja "restos de eternidade", como uma "ponte", uma relação litigiosa entre o "Deus" maiúsculo e o minúsculo que se faz sombrio por ser o homem carregado de solidão. Bastaria este soneto para colocar Francisco Carvalho no rol dos grandes poetas que enunciaram o discurso religioso do modernismo brasileiro.

O novo livro do poeta, estes Exercícios de utopia, nos chama logo a atenção pelo tom de humildade que se pode ler na primeira palavra do título, dando-se a "exercício" o significado latino de treinamento, de ação para o aperfeicoamento. Logo, preparação do poeta para a construção de outro mundo, para o desejo de um lugar que não existe, um não-lugar, melhor que este em que ele vive. O termo utopia, criado por Thomas Morus em 1516, pode ter-se originado do demonstrativo grego oûtos (este, aquele) com o substantivo tópos, portanto, aquele outro lugar, uma ilha (diferente da que era a Inglaterra na passagem do século XV para o XVI). Esta ideia de melhor evoluiu no sentido do paradisíaco, contaminação do substantivo agathon, o bom, a que se juntou o sentido do advérbio Eù, isto é, a ideia de bem. Daí a Utopia e, nela, a possibilidade de uma Eutopia, um lugar bom e bem organizado, um belo lugar, dentro do ideal do kallós agathós da velha filosofia grega.

Pode-se dizer que o seu novo livro é uma síntese de temas e formas e imagens com que se exercitou ao longo de sua admirável produção literária. Amor, morte, cavalo, égua, bois, anjos e Deus, política, tudo isso que se torna marca de seus poemas aparece neste livro. Aqui se encontra de um tudo: versos curtos (43: "A lágrima / é o sal") e longos (153: "Teu coração de areia inventou um espaco para o amor"); livres (141: "Não basta fitar de perto os acontecimentos"); e metrificados (77: "Não basta o trigo para tanta fome"); poéticos (44: "Nas borboletas de luto / que apagam tocos de vela" ou 7: "tua nudez é um refúgio de conchas") e prosaicos (44: "Nos bigodes eruditos / dos retratos sem cabelos" ou 159: "No modo de pensar de João Guimarães Rosa"; estrofes curtas, que predominam; alguns sonetos; jogos de palavras às vezes gratuitos (49, 50, 51, 60, 73, 93). No entanto, muito, muitos, muitíssimos belos poemas, principalmente os que toma como tema a própria poesia.

Uma leitura página a página deste livro é suficiente para colher material de especulação sobre uma arte poética de interesse para o conhecimento da cultura literária do poeta Francisco Carvalho como da delimitação dos sentidos mais comuns na ideologia estética do século XX. No nº 16, ele escreve, fazendo alusão à metamorfose:

A poesia está nos insetos que ardem ao redor das lâmpadas. Nas borboletas que abandonam os banquetes de folhas e espinhos das lagartas.

O poeta sente um desejo quase obsessivo de afirmar a poesia, mesmo que seja para negá-la em outra imagem. Eis alguns tópicos desse processo de afirmação: No nº 17,

conclui as afirmações sobre o lugar da poesia, escrevendo: "A poesia está / no tijolo que veda / o silêncio dos mortos", tema, aliás, que passa a ser dominante neste livro. Mais adiante (nº 27), retoma o processo de definição, dizendo: "A poesia está nos estios / que douram os nossos / pensamentos baldios", para terminar de maneira estranha e poeticamente duvidosa: "Foi a passeio na montanha / declamar versos de Lorca / para os touros da Espanha". No nº 38, diz que "A poesia está / nos rios secos onde / nadam esqueletos / de cardumes acordados". Existem várias referências e alusões à *poesia* e à *palavra*, tomando-se esta por aquela. Os nºs 47, 74, 76, 90 ("A poesia é uma diáspora de palavras"), 106, 115, 119 e o 129, belamente expresso: "As palavras, / rebanhos de metáforas / e de insônias, / pastam reminiscências / da infância nos prados da língua".

Raymond Queneau, em sua "Art poètique" (L'instant fatal, 1943), escreve que "Bien placés bien choisis / quelques mots font une poésie". E pondo em cena o seu admirável poder de criação para além da língua, com a linguagem, termina a sua declaração de princípio poético com os versos

ça a toujours kékechose d'extrême un poème.

Escolhi alguns poemas para terminar estas notas sobre o recente livro de Francisco Carvalho. Creio, entretanto, que bastariam os tercetos de um soneto incompleto, um texto fragmentado (nº 89) para ilustrar o pensamento de Raymond Queneau, para quem, bem escolhidas e bem colocadas, quaisquer palavras fazem uma poesia. Penso que o poeta francês deveria ter dito "poème" em vez de "poésie", deixando de tomar uma palavra por outra. O soneto incompleto do poeta cearense, cujos tercetos se encontram na página seguinte, foi, segundo informação do autor, reformulado posteriormente, passando a ter a seguinte redação:

Meninas vão florindo nas estradas entre versos campestres e outros hinos. Mais inconstantes do que as águas claras onde namoram peixes dançarinos.

Parecem feitas de uma argila etérea ou do cristal dos vidros mais polidos. Brisas de alguma antiga primavera roçam de leve as barras dos vestidos.

E vão tecendo o linho de outras eras. Os dias são levados pelos pássaros na carruagem de fogo das esferas.

Mas seus vultos flamejam nas retinas. São Valquírias pintadas por Picasso numa estrofe de Lorca, essas meninas.

O certo é que se trata de um excelente *Exercícios de uto*pia, melhor dizendo, de *Eutopia*, de belo e de bom, deixando para o leitor a sensação de que o natural e o transcendente se juntam no sentido plural de toda grande poesia.

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 2009

Nota do autor: Ao contrário do que constava dos originais, decidi transcrever o soneto completo, em homenagem ao poeta Gilberto Mendonça Teles.

EXERCÍCIOS DE UTOPIA

1

2

Os pobres estão nas ruas à espera das mães e dos pães que sobram dos banquetes regados a vinho e mentira.

3

Na mesa repleta de vinhos e seios implumes meus sentidos despertam para a sensualidade dos legumes.

4

Déspotas de todos os matizes, de todas as raças e países escrevem com baionetas epopeias de cicatrizes.

Teu corpo é uma âncora acorrentada às marés e ao canto das gaivotas.

Uma clareira encontrada na montanha. O amanhecer que pasta nas encostas.

6

Crepúsculo de ouro com listras azuis.
Logo mais a noite sai de sua caverna úmida de fera incandescente para nos alimentar de assombros fantasmas e pesadelos.

7

Os olhos da luxúria passeiam nas avenidas do teu corpo numa noite de lua.

Quando te deitas na cama para as orgias do sexo tua nudez é um refúgio de conchas.

8

Até a espuma das ondas sabe de cor que os teus seios são irmãos gêmeos das pombas. Não são motivos pequenos, não são motivos de sobra nem são motivos de menos.

A vaidade é um rótulo falso que os tolos carregam debaixo do braço.

10

A noite é um abutre que pousa repentinamente sobre nós. Assusta os fantasmas dentro de casa e sacode os retratos de nossos avós.

11

Os arranha-céus são árvores com raízes de pedra. Seus olhos de néon perfuram os olhos das estrelas mais próximas.

Somos contemporâneos dos arranha-céus, inquilinos provisórios dessas lápides de vento e areia, onde escrevemos epitáfios para

os suicidas. Em seus cubículos de argamassa e azulejos, reverenciamos os corpos das amadas entre galanteios de vinho

e espigas de centeio. Onde resplende a nudez com todos os seus fanais, somos amamentados pelas cadelas da metafísica e os seios da loba romana. As ficções do Éden e a sensualidade da serpente. Reinventamos o pecado sob as abóbadas de espuma

dos lençóis e tangemos nossos rebanhos de gametas. Reivindicamos o direito à vida ou à morte. Em arranha-céus de quarenta andares,

não passamos de formigas que escrevem garatujas de amor para namoradas que trocaram os seios por melancias de silicone.

12

Aos raios da manhã, uma águia faz seu ninho perto de Aldebarã.

13

Os tolos gostam dos espelhos que os refletem sem as rugas e verrugas do corpo e da alma.

14

O amor é essa flor que desabrocha no galho mais frágil. O que resta da flor são os ossos do vento.

A vida é um banquete onde os convidados se vestem a rigor para a última ceia.

O tecido do tempo se esfarela sob a chuva como um brinquedo de areia.

16

A poesia está nos insetos que ardem ao redor das lâmpadas. Nas borboletas que abandonam os banquetes de folhas e espinhos das lagartas.

17

Está no copo de vinho com a marca de batom dos lábios das namoradas.

Na foice que decepa os sonhos dos poetas os brolhos e os cachos maduros das vides.

Está no baú das noivas onde se guardam os enxovais de linho para as orgias do amor. A poesia está no tijolo que veda o silêncio dos mortos.

18

O mito nos visita a qualquer momento. Na hora da chuva e da morte e nos devaneios do vento.

19

A casa é o lugar de onde se parte para a viagem da qual não se volta.

A casa desmorona mas os retratos continuam sorrindo nas paredes.

A casa esconde os seus fantasmas. Menos os passos que sobem e descem as escadas do sótão.

20

O mar namora as baleias que regressam do Ártico. Volúvel maestro, rege a orquestra de um show fantástico.

Se olho para o céu, tudo me espanta e desconcerta. Desde menino namoro os raios da estrela Vésper.

22

As velhas paredes da casa antiga já não existem. Apenas restam vestígios de aromas de seios e esteios.

23

Às vezes sonho nas horas mortas com fantasmas de pernas tortas. Mas tudo é o vento que assusta as portas.

24

Tudo nos foge, tudo. Resta o festim da lascívia em seu covil de veludo.

Enquanto o sexo nos fita com seus olhos verdes, as fotografias gargalham nas paredes.

Meus olhos sonham com palavras verdes, mortos carregados dentro de redes. Mortos que espreitam através das paredes.

26

Sobre os teus ossos e teus remorsos, os punhais da chuva e o mármore dos séculos.

27

A poesia está nos estios que douram os nossos pensamentos baldios.

Está na ausência da paisagem onde ninguém plantou o legume dos rastros.

Nas curvas dos caminhos onde o sabiá já não canta para outros passarinhos.

Foi a passeio na montanha declamar versos de Lorca para os touros da Espanha.

O vento escreve na calva dos sábios poemas de amor em algarismos árabes.

Enquanto as meninas passam batom nos lábios algarismos passeiam na calva dos sábios.

29

O trem de ferro vai todo dia levando gente para o trabalho, gente estressada que se extravia.

Vai apressado pelos subúrbios de uma cidade quase vazia levando gente que se extravia.

Leva nos olhos alguns momentos de nostalgia. Leva saudade do amor antigo que se extravia. O trem apita mal rompe o dia levando os sonhos da periferia. Leva a esperança que se extravia.

Passa em favelas de alvenaria as rodas rangem na ferrovia. Mas seu percurso não se extravia.

Na jovem noite de chuva fria nenhuma estrela no céu se via. Somente o corpo que se extravia.

Bêbados cantam sem simetria versos que falam de uma judia que se chamava Virgem Maria.

O trem semeia fumaça escura que se dissolve na ventania. Parece o abismo que se extravia. Se eu fosse o trem, ó minha amada, te levaria para uma estrela onde o poema não se extravia.

30

O tempo expulsa da maré cheia os seus cavalos de fina areia que se esfarela em nossos dedos. Semeia palavras à flor da pele, esplêndida iguaria para a traça e o cupim que nada entendem de poesia.

31

Golpe de vista não afugenta os pássaros dos cachos da vide.

Tampouco as amarelas visões amotinadas nos olhos das panteras.

Não escuta os balidos das ovelhas de náilon dos astros foragidos. Não elimina a insônia dos olhos seduzidos dos mortos de Sodoma.

Assusta os passarinhos de veludo dos seios flechados pelos vinhos.

Não diminui o jorro de sangue nem o faro da sombra do cachorro.

Não atinge o valete de espadas que interpreta Mozart num clarinete.

32

Aonde quer que eu vá, teu corpo me fita das varandas da lua.

Tua sombra me chama para as praias do ventre. Tuas naus me ancoram.

Aonde quer que eu vá, regresso a tuas conchas de mar apunhalado.

Peixe frito vai ao banquete rotário onde se discute redução de salário. Vinhos importados das adegas da Europa incendeiam as taças de cristal. O peixe tem saudades do balanço das ondas quando flutuava entre avenidas de corais. Agora exposto numa travessa de terracota, começa a ser deglutido pela patota. Entre risos, gargalhadas e arrotos, o rito da morte sem glória do peixe frito.

34

A noiva desliza para o altar numa onda de sedas e de espumas do mar.

Todo mundo sabe que a calcinha é uma ficção de triângulo que consiste numa peça única. Não existe.

36

Em seu vestido branco de longa cauda cravejada de brilhantes a noiva é uma deusa com sua espada de aromas e astúcias para a esgrima do amor.

37

A socialaite
passeia
entre os convidados
e aromas com
pulseiras e colares
de pedras raras
e anéis que
pareciam fotografias
de relâmpagos nos dedos.

A poesia está
nos rios secos onde
nadam esqueletos
de cardumes acordados.
Está no vento,
não está na lauda,
mas no canto das baleias
que acordam os galos
da madrugada.

Poesia é a onda que se arredonda em forma de anaconda. A onda que rastreia as cento e vinte toneladas da baleia.

Poesia é a ostra que não se desvela enquanto amamenta a chama da pérola.

39

Gente não é de ferro. De ferro é o trem e assim mesmo se gasta no seu vaivém.

40

Todos morremos na quinta ou na sexta. Ou se morre de velho ou se morre de besta.

A borboleta sai do casulo para o espetáculo do universo. Finda a noite da metamorfose, o seu mistério nos presenteia com sua chama de candeia. É algum anjo das altas esferas que veio à terra para nos ensinar como se planta uma lavoura de primaveras.

42

A voz da pátria gorjeia nos versos que ficam.

No vento que devaneia à sombra dos eucaliptos.

Na chuva que vem de longe com sapatos de veludo.

Nas borboletas de luto que apagam tocos de vela.

Nos bigodes eruditos dos retratos sem cabelos.

Nos vinhos e nas garrafas que se odeiam nas adegas.

Canta a flauta dos veios nos versos que ressoam.

43

A lágrima é o sal que escorre do olho e irriga as rugas e garatujas da alma. É a lâmina da faca que corta os gomos da noite ou de uma laranja ou de um cacho de uvas que amadurecem nas primeiras chuvas.

44

A vida é uma escola onde não se aprende a morrer. Onde se ensina que o amor é faca de dois gumes para cortar gomos e ciúmes. É foice que decepa os galhos da noite.
Adaga que se amola nos seios das namoradas.
Onda que se enrosca na língua, que se alastra nas veias e desce às profundezas das cavernas onde Ulisses foi seduzido pelas sereias.

45

A locomotiva desliza nos trilhos quando sai dos morros da periferia.

Leva gente humilde da classe operária para os pesadelos da burocracia.

Moças e rapazes vão sonhar nas fábricas com linhos e sedas para a burguesia.

Levam nas marmitas o frango do almoço feito às pressas, antes de raiar o dia. Nos bolsos das blusas meio amarrotadas levam os documentos da cidadania.

Acordaram cedo, estão sonolentos com marcas no rosto de melancolia.

A locomotiva apita nas curvas quando existe risco de rajada fria.

O apito ressoa e apaga as estrelas quando volta aos morros da periferia.

46

A onda veio de longe a onda veio da praia com seu vestido de espuma e seu maiô de cambraia.

A onda veio do Ártico nos rastros de uma baleia. A onda veio da Índia a onda veio de Honduras.

A onda veio dos astros ou do reino das Astúrias. A onda veio da Grécia ou das vertigens de um vértice. A onda veio de Ontário com a imponência de um pássaro. A onda veio do Volga mas não sabe quando volta.

47

Vi um anjo ancorado no pórtico um anjo de cabelos grisalhos. Parecia estar dormindo ou talvez sonhasse com o paraíso perdido.

Não era um anjo de azulada veia. Não pertencia à nobre hierarquia da chama que os arautos incendeia.

Mas era um anjo de cabelos grisalhos um anjo sem espada e sem memória. Um anjo de estatura medieval trespassado por secreta fúria.

Não sei se meditava ou se dormia. Quando o vento o feriu com seu punhal pareceu-me que o anjo me sorria.

48
Morrer tão completamente que não reste o menor vestígio de luxúria nos teus lençóis nem o mais leve sinal de tua passagem na memória da terra.

Nem das ondas do mar nem da estrela da tarde nem dos barcos seduzidos pela canção das marés. Morrer tão completamente que não se saiba a hora em que as ondas são adágios para as núpcias das baleias.

49

Dizem que o boto calça a bota e arma o bote.

Acende o archote entre as espumas do maremoto.

A terremoto ou água parada prefere o esgoto.

Vem do ignoto raptar a noiva do gafanhoto.

Veste o capote em noites de frio e de perdigoto.

Dizem que o boto assusta as meninas com seu arroto.

BIBLIOTECA CURURU: Este livro não é para guarda. É para ladiante. Com isto, novos leitores e o incentivo apenas Uma cadeira do consultório, etc, de modo que outros eo incentivo ao bom a campanha do JORNAL DE POESIA: www.jornaldepoesia.jordim,

Queimei os meus navios, as retas e as rotas dessa baleia azul de duzentas portas.

Pus fogo nas âncoras de todos os barcos, no leme e na bússola que namora os astros.

Navios de papel ao sabor das ondas e dos ventos frios. Por esse mar cruel de espantos e de assombros ancoram meus navios.

51

O amor é a cobra que nos espreita com seu veneno da cor de leite. Para os seus ritos de encantamento, flocos de sangue jorram do ventre. Cega os amantes com os olhos fixos à flor do instinto. Deuses de vento regam seus mitos com vinho tinto.

Dizem que os mortos trocam de cova quando é lua cheia ou lua nova ou quando a coruja termina a desova. O problema é que não existe prova.

53

O mundo é uma estação para viajantes que partem sem malas e sem documentos de identidade, à procura de sonhos e cemitérios de baleias.

54

Num asilo para idosos, gato passeia livremente pelas dependências de hospital. Impressiona pelo faro mórbido que o leva a pressentir quando a morte se aproxima dos pacientes terminais. Deita-se ao lado da cama dos moribundos e ali permanece até que se mudem para a eternidade. Talvez fosse o caso de mandar esse gato adivinho passar uma temporada na Casa Branca.

Uma pedra te espera
no limiar da sétima dimensão.
Uma pedra te contempla
da erva rasteira.
Uma pedra de passos ardentes
te consola.
Uma pedra te acompanha
sob a chuva.
Uma pedra se veste de orvalho
para as bodas.
Uma pedra te convida para a ceia.

56

Morrer como quem se afoga numa onda do tamanho de uma pirâmide ou de uma baleia. Morrer de morte impressentida no meio de um sonho que não começou ainda.

57

A terra é o derradeiro exílio do homem.

58

A chuva alaga os campos a longos intervalos. As éguas pastam léguas nos rastros dos cavalos. A chuva acorda os mortos e ensina a recordá-los. A chuva vem de longe trazida pelos galos nos ventos que ressoam nas várzeas e nos vales e às vezes arrebatam as folhas de seus talos.

A chuva vem das nuvens nos braços dos vassalos. Semeia os seus aromas a breves intervalos na garupa das éguas e rastros dos cavalos.

A chuva irriga os mitos e a insônia dos cavalos, os sonhos que sonhamos em colchas de retalhos. A chuva afaga os mortos com medo de acordá-los.

A chuva nos acorda para as núpcias dos galos, das éguas que namoram os rastros dos cavalos. E os sonhos que sonhamos em breves intervalos.

Expulsa pela seresta da chuva, uma coruja pousa no cipreste.

Penélope esconde a joia para a volta de Ulisses da guerra de Troia.

Um grilo nas vigas tritura os minutos e os ossos das intrigas.

O sapo, de tão feio, às vezes parece o câncer do seio.

Tua língua vermelha. Escorpião no cio debaixo de uma telha.

No céu de Lisboa a lua é uma ode de Fernando Pessoa.

Múmias de borboletas embalsamadas alçam voo dentro das gavetas.

Aos sábados e domingos, as cinzas dos velhos acendem seus cachimbos.

Numa idade mítica, já fomos amamentados pela metafísica.

Na tarde de angras e âncoras todas as velas do amor singram meu corpo.

Na tarde de aves e avenas todos os lábios se vestem para os ritos da súplica.

Na tarde em cépia e azul todos os meus sentidos erguem seus vértices.

61

O tempo refaz a utopia das coisas perecíveis. O amor resiste às metamorfoses do tempo e do corpo, cidadela de fogo em que ardem todas as formas.

O tempo é a metáfora do homem esvaído em si mesmo. Santuário de tábuas podres. A figura que vagueia no céu parece um dragão mas pode ser o anjo seduzido em Sodoma e transformado em memória de sal.

Um dreno na boca
dois no nariz
pupilas paradas
confusas ideias
o que resta da vida
são tubos de plástico
sugando-lhe as veias.

A morte chega
de improviso
vestida de branco
enfeitada de agulhas
e lhe entrega
a ração de morfina
numa ampola de vidro.

63

Eras do reino de Nápoles de onde contemplavas o dorso nevado dos Apeninos. Costuravas as roupas dos pobres da aldeia e ainda cuidavas de suas utopias.

Tua velha batina caminhava pelas ruas e os olhos dos botões decifravam os enigmas das pessoas, o negror das almas fustigadas pela doce memória do pecado. Às vezes o vento te erguia do chão e rodopiavas no espaço, entre anjos bêbados e andorinhas íntimas do azul. Dialogavas com vozes e silêncios que te visitavam na clausura, entre sussurros de asas e reminiscências de outras esferas.

Estou a mil anos-luz da aurora metafísica anunciada pelos profetas. Vagarosamente acompanho a metamorfose das galáxias que se dispersam com a simetria de uma diáspora de formigas. Vejo a cavalgada dos cínicos e escuto o rumor dos metais dos cavalos do rei, o seu riso obsceno e o brilho das espadas corroídas pela ferrugem do mar. Agora os vejo nus diante dos juízes e do povo. Posso ouvir o gotejar do tempo, o pêndulo das horas fustigando os meus nervos com seu martelo de bronze.

65

A terra é dos mortos e dos seus descendentes. É da negra lavoura das espigas que apodrecem no celeiro dos dias. É das léguas de capim e das ressurreições da paisagem. Só os mortos semeiam os seus roçados de memória nesse vale de lágrimas.

66

A jovem índia não sabe que o beijo é a romã da língua.

A palavra é uma dança de serpente sagrada, a faca amolada, o sangue gotejando no umbral.

A palavra é o cenho retorcido do assombro o que vai e não volta o que se procura e o que se extravia a ausência que dilacera o que permanece no olfato e na memória o que atravessa a garganta como se fosse um punhal o que no peito é ferida aberta e sangra até a morte.

68

Estava escrito nos livros e nos astros nos pergaminhos e nas cavernas no pico da rocha milenar nas doze constelações do zodíaco na orla dos rios e nas esquinas das pirâmides nas areias do deserto da Líbia no corpo e na alma ensolarada dos camelos nas conchas do Mar Morto nas estrelas do céu e nas espumas do mar que o segundo filho de Eva seria assassinado pelo punhal de Caim.

69

Teu corpo desidratado mordido pela cobra pelo dragão da fome e pela tuberculose. A bem da verdade não precisa de cova. Corpo deserto de sonhos já começa a evaporar antes mesmo do velório. Corpo tão breve, tão pouco, flutua na eternidade. Não precisa de cova.

Nem de caixão precisa nem de mortalha, nem mesmo de uma rede de corda. Um corpo assim tão magro se dissolve no vento. Não precisa de cova.

Corpo com tal leveza no conteúdo e na forma corpo com tal urgência de coisa que se evapora. A bem da verdade não precisa de cova.

70

O galo está morto mas o seu canto escreve com sangue as sílabas da aurora.

O galo e seu canto acordam os vales e os rebanhos que pastam as espigas do sol.

É um profeta que anuncia as manhãs para que todos saibam que a vida continua.

Os galos morrem mas ressuscitam logo depois.

A alma nos cavalga em sonho mas não deixa sinais. Uma asa que nos roça de súbito e assusta os cristais.

A casa e os objetos dormem. Enquanto o amor refaz suas tramas dilaceradas, a alma regressa aos umbrais.

72

A água canta nas fendas da pedra a pedra se enrosca na música da água a água acaricia os seios da pedra os seios da pedra amamentam homens, bichos, cobras e lagartos.

A água jorra do sexo da pedra a pedra recusa as carícias da água a água é o que se evapora da placenta da terra. A pedra é a memória dum bólide que se partiu de encontro às esferas.

73

Amoras e amores despencam dos galhos do vento. Algum deus sacode as árvores dos quintais em noites de lâmpadas apagadas. Cachos de sombras desabam da escuridão. Vertiginosamente. Grilos e sapos tocam seus metais para os mortos. Presságios e "flocos de tempo" nos esgotos do mundo.

Ninguém para decifrar o léxico dos bêbados. Ninguém para escrever uma ode aos ovos das galinhas. Ninguém para celebrar a insônia dos cachorros e a música dos cascos dos cavalos. Ninguém para repartir os gomos do poema como se fossem de um pão de centeio. Ninguém para irrigar a lavoura hostil das palavras. Ninguém para nos ensinar os caminhos dos rebanhos e do adeus.

75

Todas as noites sou seduzido pela cosmogonia das serenatas e dos violinos. Todos os meus sonhos são vértices desmoronados. Todos os meus desejos farfalham. Todas as minhas frustrações sobem por ladeiras íngremes.

76

Passo a passo o vento nos semeia onde as léguas e as éguas namoram cavalos. Passo a passo o amor acaba esmagado por alguns palmos de terra. Passo a passo ninguém nos visita porque estamos à mercê das formigas. Passo a passo o silêncio é uma árvore frondosa onde corujas nos espreitam. A terra abre sua boca enorme e devora nossa voz e nossos poemas, com rima ou sem metro.

Não basta o trigo para tanta fome não basta o espanto para tanto grito não basta o bálsamo para tanto sangue não basta a sorte para tanta súplica não basta o riso para tanta lágrima não basta o arco para tanta flecha não basta o corpo para tanta diáspora não basta a onda para tanto barco não basta a nuvem para tanta chuva não basta o silêncio para tanta dúvida não basta Ulisses para o cerco de Troia não basta o inferno para tantas sombras não basta o mito para tanto exílio não basta o exílio para tanta fuga não basta a flauta para a serenata não basta o amor para tanto adeus.

78

Sob este mármore negro polido pelo vento e a chuva, repousam as cinzas do filho de Domício e de Agripina.
Aquele que declamava versos quando Roma inteira ardia, saberá que a eternidade não termina?

79

Os que mais zombaram dos velhos aflitos morreram acadêmicos com salários fixos. Manuel Bandeira, onde estão os sapos que já não protestam contra os nossos atos?

Onde estão as sombras dos poetas natos? onde estão os mortos que engoliram sapos?

que esconderam versos dentro dos sapatos? versos que só foram lidos pelos ratos?

Agora, o anedótico é a razão do cântico. Os versos são vértebras do espaço semântico.

80

Velas, aos prantos, tricoteiam lágrimas em seus vestidos brancos.

Debaixo da saia, sob a relva úmida, o sexo é uma lacraia.

Os que engordam cavalos, seus mitos e cachorros à custa dos vassalos.

Pardal solitário bebe água da chuva nas fendas do mármore.

Ao tropel dos cavalos, até vogais de bronze fogem dos epitáfios.

O chumbo da cárie e as patacas de ouro vêm da casa bancária.

Em rápida manobra, sapo enamorado vira ceia de cobra.

A moça cuida do rímel. O bardo se estressa à procura da rima.

Rangem portas na aldeia. No céu bordado de nuvens a lua tricoteia.

A vida é uma festa? A morte nos visita na hora da sesta.

Pousada numa lápide, coruja engole aos poucos uma ceia de áspide.

Em qualquer fenda da insônia, um grilo arma a sua tenda.

Tudo vale a pena se o amor é coisa plena e cristalina. Se no lugar da avena o pólen que germina. Se a unidade e a dezena formam a unidade trina. Se a morte não te acena do topo da colina. Se mudas o poema em cobra dançarina.

82

Rezei em memória do vento que à noite pastoreia as lavouras soterradas de meu pai. Rezei pelos seios da terra pelo aniquilamento dos pássaros pela volta da chuva e das borboletas.

83

A límpida lâmpada do pórtico clareia o óbito. A pálida lâmpada do mármore clareia a lápide. A lâmpada do vértice corta a pirâmide e sua hélice. A lâmpada do viático incendeia o pássaro do paráclito.

Cadeira a barlavento ancorada na ausência da nossa utopia. Ninguém já te espera na sala vazia.

Cadeira onde a moça às vezes ardia. Cadeira dos mortos ninguém já te afaga em noites de orgia.

Cadeira sem rosto e sem simetria. O vento te embala mas é a eternidade que te acaricia.

85

Andorinhas de volta ao campanário cobrem as estátuas com seu negro limo. Os domingos grudados nas paredes pelas naves caiadas vão subindo. O vento é uma ovelha sem seu anho de volta à flauta e aos olhos do pastor, que das alturas vela o seu rebanho.

86

Ó pássaros vestidos de argonautas rumo ao céu de Penélope e de Homero. Cuidai de vossos remos de veludo para que as ondas desse mar do tempo nos poupem do infortúnio das estátuas de pedra esculpidas pelo Vesúvio.

O espelho dessas águas me recorda. Me viu pela janela envidraçada de um sonho transformado em claraboia. Rio que não se exalta nem transborda. Ouviu de longe os sons da cavalgada e dos clarins que incendiaram Troia.

88

Eguas exalam seu odor atávico.

Pastam miragens perto dos regatos,
dos cavalos de crinas de centeio.

Cigarras erguem seu clamor metálico.

Jorram flechas dos olhos dos lagartos.

O chão molhado cheira a palha e seio.

89

Meninas vão florindo nas estradas entre versos campestres e outros hinos. Mais inconstantes do que as águas claras onde namoram peixes dançarinos. Parecem feitas de uma argila etérea ou do cristal dos vidros mais polidos. Brisas de alguma antiga primavera roçam de leve as barras dos vestidos. E vão tecendo o linho de outras eras. Os dias são levados pelos pássaros na carruagem de fogo das esferas. Mas seus vultos flamejam nas retinas. São Valquírias pintadas por Picasso numa estrofe de Lorca, essas meninas.

A poesia é uma diáspora de palavras, algo que não se toca nem se vê. Estandarte de papel dilacerado pelo vento na tarde azul. A poesia é nada. O mito que ressuscita das cinzas do pássaro.

91

Sou a tua perna que se move no espaço. Sou um planeta de vidro fora de sua órbita. Sou a tua perna tríplice que te ensina a dançar um tango fora de moda. Sou a tua perna de cedro a perna que atravessa o rio do grego. Sou tua perna dinâmica tua perna mecânica tua perna botânica tua perna satânica. Sou tua perna de aluguel. Danco o amor e a morte ao som do Bolero de Ravel. Sou tua perna provisória imune ao reumatismo e à ciática. A tua perna de olho no mundo. Sou a perna que te governa e que às vezes acredita na vida eterna.

Na tarde de chuva fina entre a montanha e a colina o arco-íris lá em cima. Sete ampolas de morfina injetando hemoglobina na caveira nordestina.

Brilha a água da cacimba como se fosse a retina de alguma ave de rapina. O vento sopra da China com seu odor de neblina entre a montanha e a colina.

Fica o verso, vai-se a rima para o baú de resina de guardar libra esterlina. A seda que vem da China espera o amor numa esquina da sextilha nordestina.

Chega a noite repentina da montanha ou da colina. O vento sacode a crina para a estrela vespertina. Um violão toca em surdina na tarde de chuva fina.

Com astúcia feminina, uma égua sacode a crina entre a montanha e a colina. A noite, ainda menina, rouba a estrela vespertina para uma noiva da China. biblioteca curumu. Este livo não é para Buardar. É passar adiante. Com isto, novos leitores e o incentivo a peculorio, etc., novos leitores e o incentivo a penas campanha do JORNAL DE POESIA. Www.jornaldepoesia.jordin,

A noite é uma égua seduzida pelo cio e os olhos dos pântanos. A égua da noite conduz os faraós para suas catacumbas de linho. A noite é uma égua de olhos castanhos e sexo de papiro. Égua da noite alta, tua placenta é a cauda da via-láctea.

94

O sol veleja no céu a caminho de uma ilha. Logo mais a noite chega no mugido da novilha. Aos currais o gado volta ruminando a nossa vida.

95

Cavalo é aquilo gerado pelas águas e éguas do Nilo.

É a chama do traço que gorjeia num desenho de Picasso.

Cavalo é muito pouco do que se sabe do seu trote barroco. É a trama das léguas tecidas pelas crinas de feno das éguas.

Cavalo é um sistema de artérias onde circula o sangue do poema.

Cavalo é o que torna à infância do potro no ventre da forma.

96

Sou uma barca de exílios extraviada na memória dos náufragos.

Sou o vértice da noite voltado para as fogueiras da lua.

Sou a taça de pedra onde os lagartos bebem o vinho do vento.

Sou o espinho da da rosa envenenada pelo seio de Cleópatra.

97

Sou um campo de centeio destruído pela cólera dos pássaros.

Sou a esquina da rua onde os bêbados tangem as cordas do vômito.

Sou o que lavou as nódoas de sangue das últimas palavras do suicida.

Sou o que leu o bilhete do suicida e suas cartas de amor para as namoradas.

Sou o que ouviu a serenata dos mouros pelo sangue derramado dos touros.

Sou o viajante de um navio fantasma à deriva dos ventos da Ásia.

98

Tuas coxas são dois cedros a cuja sombra palpitam as guitarras dos aedos.

Vens, talvez, de esquadra lusa que navega um mar de insídias rumo aos olhos de Medusa.

És alguma virgem moura que se guarda para os ritos do feitiço que te doura.

Quem te possui se converte num deus que morre de sede fitando a água de perto.

99

Não adianta olhar para trás porque o tempo é desprovido de memória não sabe de que tamanho é a sensualidade do teu nariz. O tempo é a fumaça de enxofre que sai da boca do dragão. O dragão que devora as entranhas da noite e da eternidade.

O tempo é um dragão pousado nos vidros das janelas. Flutua na superfície dos espelhos, devora os seios das moças e o rímel dos olhos.

100

A mesa, as cadeiras, a janela para a rua, a cama, as paisagens na parede, as roupas dependuradas no cabide a almofada vermelha o girassol de sangue palpitando no lugar da orelha.

A mesa e seus objetos dardejam sob a luz amarelada da lâmpada. A mesa tem uma gravata dentro da gaveta. Talvez uma carta, o pedaço da orelha, a memória de Van Gogh reinventando os girassóis.

101

Tantos são os mortos no meu caminho que já não posso contá-los.
Tantas as vozes que me trazem súplicas que já as confundo com o vento.
Tantos os passos que me seguem por entre alamedas e epitáfios.

Tantas as sombras que me acenam da noite e de suas escadarias. Tantas as memórias que me consomem tantas as dúvidas que me dilaceram que tenho a estranha sensação de que me puseram na jaula das feras.

102

Viver é como tomar um porre de absinto e acordar no outro dia às portas de um labirinto.

Viver é mentir ao corpo, saber que tudo é pilhéria. Que o sonho acaba no esgoto vencido pela matéria.

Viver é juntar palavras na memória do papel. Flutuar na partitura do Bolero de Ravel.

Viver é despir a túnica de rei ou de espantalho. Desejar as uvas verdes que estão na ponta do galho.

103

Entre no ritmo da vida se é que a vida não está fora do ritmo. Entre no ritmo do corpo até que o corpo não saia do ritmo.

Entre no ritmo do universo, que se move no âmago da inércia.

Entre no ritmo do amor porque o amor nunca perde o ritmo.

104

A mulher finge que dorme a mão segura uma flor mas a flor não é uma flor ou é a flor de um secreto jardim onde há um secreto lago e as rosas subitamente estremecem.

105

O morto começa a apodrecer na sala vazia. Até o Cristo de gesso que lhe puseram no peito parece incomodado com o fedor dos ramalhetes fúnebres. O defunto exala um cheiro de velas apagadas.

106

Todos os dias acordo para os mesmos rituais. O espelho me devolve as rugas de ontem. Acordo e sei que é preciso remar a nau da vida seguir a romaria dos fatos e dos ventos o nascimento de novos sonhos e problemas. Todos nós nascemos e morremos sozinhos. Os deuses, empoleirados nas alturas, fogem do mau hálito dos homens. Meus problemas são os meus poemas meus cabelos dilacerados e a barba por fazer.

107

Aquele ministro de aspecto um tanto sinistro chegava a sentir cólicas toda vez que se lembrava das inconfidências das antenas parabólicas.

108

Não passamos de frágeis babuínos extraviados na selva da vida. A cauda dos antepassados ainda acaricia a arrogância de alguns cretinos que se vestem a rigor para os funerais dos nordestinos.

109

No momento em que te levantas começas a decifrar a caligrafia dos sonhos. A noite desaba sobre o teu corpo com a estupidez de um rinoceronte. Logo mais outras noites virão, outras madrugadas, outras romarias de fantasmas. Logo mais tudo se apagará de tuas retinas e só restará uma nódoa de sangue na memória de teus lençóis.

Quando acordas, a engrenagem da vida começa a funcionar com a mesma precisão dum bólide que despencou do céu.

110

Vida, casulo de seda de onde a borboleta alça voo para a morte.

A vida é uma fímbria de seda acariciada pelo cio de uma labareda.

111

Teu verdadeiro rosto está soterrado no limo do id. É lá que se encontra a placenta de todas as tuas sensações e utopias. É nesse âmbito gelatinoso e difuso que estão os moldes do teu ser as matrizes e contornos de todas as tuas existências pretéritas. É lá que se encontram teus primeiros sonhos de primata, tua cauda de lagarto teu odor de cio e de volúpia. É de lá que ainda chega a aragem do pecado, os impulsos e a memória do teu corpo. A matriz de todos os teus desejos e tuas tentações de canibal.

Poucos são os convidados ao banquete da vida. Sempre existirão os deserdados aqueles que semeiam mas não colhem os que só comem espigas podres os que não se aproximam do banquete e não têm uma túnica para vestir. Até quando teremos de esperar pelas respostas do céu, pela grande voz do anjo vingador? Até quando as sombras dos mendigos rastejarão entre a sensualidade dos cães sob o olhar compassivo das esferas?

113

A vida me tem seduzido com todas as suas mitologias, todos os seus mistérios todas as suas metafísicas, toda a sua densidade povoada de espíritos e esferas. A vida me acena com a sua nudez entreaberta, com as suas fendas úmidas de sangue e seu sexo cravejado de alegorias. Com suas entranhas de chumbo e seu aroma de vaca recém-parida. A vida me tem ofuscado com suas lantejoulas seus anéis e braceletes de prostituta.

114

Teus cabelos dilacerados já não são os mesmos. Podes fazer o espelho em pedaços podes mudar de ideia ou de endereço podes invocar a infância demolida os velocípedes mutilados e as reminiscências escondidas no sótão.

Nada disso mudará o fato de que envelheceste, de que os deuses te evitam, de que já não serás lembrado no dia do teu aniversário ou do teu velório. Na hora da ceia, os convidados erguerão um brinde de sarcasmo ao naufrágio de tua memória.

115

O poema é do sexo feminino, tem astúcias de mulher que se quer devorada pelo amor.

O poema gravita ao redor de si mesmo. Está nu diante do espelho e acaricia suas ondulações mais íntimas.

O poema é uma ponte que se deita em nosso corpo. Dialoga com devassidões de outras esferas.

Uma ponte para o caos ou para o devaneio. Ou para a fugacidade dos sentidos. Ou para o sonho que rasteja à procura de nada.

116

Enquanto o céu me entra pela janela e meus pensamentos emigram para lugares distantes alguém está morrendo de fome na África em algum lugar da terra onde os déspotas passeiam em suas carruagens à prova de fogo.

Bebem vinho e absinto em taças de cristal, ou sucumbem aos punhais dos olhos de rapina das amantes. Enquanto os sonhos rodopiam os minutos nos escapam pela janela e as mil aparências da realidade se dissolvem na sensualidade dos espelhos.

117

O homem não é um deus acima de todas as coisas. Um deus à frente de um exército de escorpiões.

Não é um rei da estirpe do albatroz e dos relâmpagos. Um rei ungido pelas sacerdotisas de Apolo.

O homem não é uma cidadela de pedra guardada pelos dragões. Apenas um descendente da dinastia dos répteis.

118

O homem é o mito do homem, o sonho que não deu certo.

O homem é o déspota do homem, o tiro que saiu pela culatra.

O homem é o vassalo do homem, a flecha que não acertou o alvo.

O homem é o predador do homem, o lagarto que devora o lagarto.

8

Um poema
pelos duzentos
mil mortos do Timor
Leste. Um poema com gosto
de sangue e de terra molhada. Um
poema com veneno de cobra, escamas
de peixe e dorso de lagarta. Um poema com
cio de tigre, asa de pássaro e vértebras de punhal.

Um poema irrigado pelas vertentes e o cântico das fontes. Um poema contemplado pelas retinas do orvalho e acariciado pela sensualidade das abelhas. Um poema cingido pelo diadema de espinhos da montanha em memória dos mortos do Timor Leste.

120

Carregamos no peito um coração de cera. Com essa taça de areia é que ousamos erguer um brinde ao amor!

121

Enquanto o mar semeia vestígios de argonautas na areia a sombra do profeta vai de regresso ao ventre da baleia.

A luz gorjeia no zênite pássaro fulminado em pleno voo. A luz despenca do ápice do dia.

123

Recordo a sala os comensais estão mortos.
Recordo os espelhos seduzidos pela nudez.
Recordo o vento desenhando nádegas barrocas.
Recordo as fotografias dilaceradas pelo salitre. Palavras brotando do húmus de tua boca.
Recordo as estacas da fazenda e o rúmen das vacas.

124

A pedra é o pórtico do mito mesa para o ágape da insônia cálice para o vinho da chuva harpa para as rapsódias do vento cítara para os sussurros da parábola ravina para os rebanhos do espanto liturgia para os réquiens do adeus.

125

A pedra vê o homem o homem semeia a pedra a pedra cavalga o tempo o tempo sucumbe à pedra.

Onde estou me embriago de ti. Onde estou lascas de cedro em tuas chamas. Onde estou teus olhos clareiam o náufrago. Onde estou me abres as portas do paraíso.

127

Agora penso no teu corpo que recende a relva agora viajo para as ilhas e deltas do orgasmo agora regresso a Ítaca e aos remos de suas naus agora recolho as velas e os sonhos do teu redil sou o gnomo que fecunda as entranhas dos teus lençóis agora me busco na tua concha de molusco.

128

Cada qual sonha com seu pedestal cada qual amamenta o seu canibal cada qual borda o amor com seu dedal cada qual pensa que é de cristal cada qual foi guerreiro do Santo Graal.

As palavras, rebanho de metáforas e de insônias, pastam reminiscências da infância nos prados da língua.

130

Teu corpo é a memória de um rio meus desejos argonautas singram a tua pele a cada momento regresso aos teus umbrais tua boca me oferta a polpa das parábolas um deus erecto semeia o pecado em tua nuca sósia de pastoras sou a nau que docemente ancoras.

131

Certas coisas nos seduzem com seu viço certas coisas nos golpeiam com seu brilho certas coisas nos deglutem sob a relva certas coisas nos dilaceram com seus dardos certas coisas nos perguntam pelo endríago certas coisas têm belas pernas mas não são eternas.

À noite o mistério
tem a solidez de uma pilastra.
À noite a nau dos amantes
veleja nas marés dos lençóis.
À noite os rios da lascívia deságuam
em nossa cama.
À noite somos um cardume
de peixes velozes.
À noite regressamos a Ítaca
aos mares de Ulisses
e voltamos a ser
jogral de todos os mitos.

133

Meio-dia as pedras ruminam sua ração de chamas. Aves de rapina desenham parábolas de sangue no céu. Meio-dia pássaros descansam à sombra do voo.

134

Guarda-te da porta aberta por ela chega a esfinge de pálpebras de treva.

Guarda-te do quarto escuro ali o morto devaneia à luz do ostracismo.

Guarda-te da noite onde a chama que brilha é a fúria da matilha.

135

À noite todas as coisas vergam o seu caule os retratos descem das paredes as paredes começam a ruir ao peso dos retratos e de seus remorsos.

A noite se enche da lamúria das vigas. Os lençóis sussurram palavras de amor que só os namorados entendem.

136

As pedras são súplicas caladas a um deus mutilado pelo homem o vértice do espanto e da vertigem reminiscências de um papiro escritas com sangue.

137

Todos os caminhos começam e acabam na infância todos os caminhos recendem a adeuses todos os caminhos são exílios da memória todos os caminhos nos levam para dentro de abismos todos os caminhos partem mas não sabem quando voltam.

Todos somos estranhos dentro de casa ninguém te pergunta pelo nome do avô ninguém quer saber se ficas ou se vais se falas ou se calas se partes ou se ficas se ficas acordado ou se dormes para sempre.

139

A tarde feita de areia e espumas desliza sobre romarias de folhas e dunas desenhadas pelo vento.

A noite se aproxima com sua cauda de sombras. Leopardo a caminho de uma ceia de abismos.

A luz já recua. E a tarde em chamas se deita no gume de foice da lua.

O mar, tigre no cio, monarca coroado de espumas, ruge num horizonte longínquo.

140

Lá vai o trem fumegando parece um velho boi cansado de pastar o vento. Lá vai o trem ressonando a foice do seu apito corta a noite pelo meio.

Lá vai o trem da saudade fumando o seu cachimbo o trem dizendo adeus às aldeias.

Lá vai o trem resfolegando pela estrada afora dragão devorado pelo fogo.

Lá vai a negra alimária roçando o esqueleto de ferro e fumaça nas estrelas.

141

Não basta fitar de perto os acontecimentos olho dentro do olho não basta estar acordado e escutar a cada segundo o incessante gotejar dos fatos. Os acontecimentos se misturam à simetria da casa e ficam boiando na carne transparente dos espelhos.

Chega um momento em que trocas de roupa e não percebes que os acontecimentos se alastram na epiderme.

142

Os profetas são fantasmas de pedra-sabão. São metáforas de fogo na solidão das tardes de Minas. Signos de sangue esculpidos na pedra. Pombas de alvissareiras asas.

plenitude vazia.

A morte é a derradeira cavalgada do homem. A solidão germinando

E mergulhando as raízes na carne da súplica.

A morte é um pássaro negro de perfil famélico. Um pássaro de grito aceso nos olhos gelados. Um pássaro que te golpeia com seus olhos velozes. Um pássaro que te afugenta

144

na noite imensa.

Os grandes homens já não existem.
Só existem as barbas alvejando longamente
na moldura de vidro da nossa fantasia.
Os grandes homens foram dormir
e não acordaram nunca.
Os grandes homens foram pulverizados
pela bomba atômica
ou foram dissolvidos pela chuva orbital.
Os grandes homens se perderam
nas ruas ensanguentadas das megalópoles.
Os grandes homens foram pescar a eternidade
com seus anzóis de cristal.

145

Noite de movimentos constelados de fogo como uma plantação de trigo. A pálpebra arcaica do céu contempla a terra acesa que se interroga.

Nas bodas da solidão o escuro rebanho dos homens se imola a todos os mitos.

146

Pássaro lascivo é o pássaro do amor. Noturno pássaro de esporão encarnado e olhos ardentes. Pássaro visitado pelas âncoras do mito. Pássaro alucinado, volúvel pássaro do amor.

147 as palavras dançam na

ribalta

da lauda

sílfides de cabeleiras

negras(as)
palavras
são arcanos

em rotação pássaros velozes que emigram rumo à noite da dúvida

âncoras das navegações da alma

bailarinas dos nossos gritos em código.

148

O poeta é alfa e ômega senta-se à mesa dos bastardos convoca os ancestrais do povo, semeia a liberdade nas entranhas das palavras vomita a ceia dos neutros.

Vai ao banquete e não se degrada refaz a teia do mito e promulga o adeus reparte metade da metáfora celebra a terra e os ritos da fecundação.

O poeta cuspiu na luminosidade da aparência recuperou o cigarro apagado despencou do trapézio sobre o hímen dilacerado da tradicional família burguesa.

149

Nuvem de cabelos crespos comidos pelas espumas.

A nuvem deixa na terra seus rastro de vagalumes.

Nuvem de vestes molhadas cheirando a estrumo e lavoura.

O corpo esguio da chuva volta às fanfarras de outrora.

Nuvem de olhos castanhos pousada em mares remotos.

A nuvem desce dos montes no zumbido das abelhas.

Nuvem de seios pontudos ceifando a insônia dos mortos.

150

Os espelhos de Borges e a diversa plumagem das palavras. Os recintos da ira e do sarcasmo. Os labirintos e espirais das metáforas do persa. A velhice dos homens e dos deuses e o galope incessante das esferas em suas órbitas de fogo. As eras ceifando as horas e engolindo os meses. A fuga do guerreiro e do ciclope. O dorso do crepúsculo já avança na sombra que se extingue e continua. A tarde chega ao fim sem que se note. O vento cambaleia na faiança onde um fauno se despe para a lua.

Passas por mim roçando-te por fadas, tão fêmea em flor, tão nuvem duradoura. As aves do teu corpo, aveludadas pelos verdes declives deste agora. Quimera de pestanas alongadas os negros hemisférios desta moça. Quadris do teu cismar pelas estradas que vão do anseio ao seio que se adoça. Passas por mim roçando-te por elfos. Ó pastora dos rebanhos do estio, eu sou a foz do teu secreto rio. Ó predileta dos deus esbeltos. Passas por mim roçando-te por este fauno do teu volúvel bracelete.

152

Sou o rascunho dum pássaro degolado pela sombra.

Sou o espectro da água de volta ao ventre da bolha.

Sou a sombra dos raios gama trespassados na esfera.

Sou a sombra que rasteja acorrentada a si mesma.

Sou a sombra de uma nuvem ancorada na paisagem.

Sou a sombra decepada pelas vogais do epitáfio.

Sou a sombra na janela de um solar que nunca houve.

Teu corpo é uma arquitetura de cinza e areia. Apesar da alma que carrega e das generosas utopias que vicejam nas entranhas dessa eventualidade em diáspora teu pobre corpo de homem não passa de uma evanescente arquitetura de cinza e areia.

Mas o corpo não te impede de sonhar os sonhos mais absurdos as aspirações mais nobres e mais altas.

Teu coração de areia inventou um espaço para o amor e semeou deuses estúpidos pelas sete esferas do abismo azul.

Neste pégaso de areia que é o teu corpo cavalgas para a eternidade.

Mas a eternidade é justamente aquilo que ignoras aquilo que as tuas retinas não alcançam porque as tuas retinas com todo o seu mecanismo insólito não passam de dois minúsculos pontos obscuros do grande olho do Nada.

154

Rumor de vento e águas acendidas pelas asas das aves sobre o mar.
Asas que são adagas das antigas com que a deusa do amor nos quis brindar.
O frio outono de uma tarde longa respinga solidões no bulevar por onde os namorados de Verona, às escondidas, fossem namorar.

Bêbado desse vinho, agora e ainda, te oferto esse rumor de vento e água vindo da foz da pedra carrancuda. Rumor do que começa e já se finda, do que no peito é lume e já se apaga, do que parece eterno e já se muda.

155

Um dia a mais um dia a menos. Já não importa o que seremos.

Um dia a mais se tudo é imenso. Um dia a menos não nos pertence.

Um dia a mais são nossas rugas com seus desenhos de tartarugas.

Um dia a mais um dia a menos. Ao negro rio com nossos remos.

156

Era um negro luzidio, metro e noventa de altura. Braços longos, mãos compridas para o ofício da ternura. João Pimenta se chamava esse irmão da noite escura. Falava com lentidão dos tempos da escravatura, de antepassados remotos. Abraçado ao violão, as cordas dilaceradas ressuscitavam seus mortos.

Recorda antigos amores na terra dos ancestrais. Lendas escritas nas pedras com sangue e audácia tribais. Volúpias, vicissitudes dos seus tempos de rapaz.

Em seus olhos marejados, as namoradas de outrora lhe acenam de muito longe. Figuras encanecidas lhe passeiam na memória como se fossem de bronze.

Levava os anjos dos pobres para enterrá-los na aldeia, num lugar do cemitério onde o vento cambaleia e os agouros das corujas afugentam a papa-ceia.

157

De tua placenta de ouro nasceram deuses e heróis, anjos com olhos de touro.

De tua placenta de argila correm vertentes e arroios que vão dourar as espigas. De tua placenta de areia brotam nuvens de gaivotas à espera da maré cheia.

De tua placenta de espuma sai o fulgor de vertigem dos olhos verdes do puma.

158

Dioniso te arrebata numa carruagem de prata com sete cavalos negros.

Teu dorso de dançarina tem ondulações de vaga e odor dos ramos da brisa.

Me perco em teus olhos negros, profundos como as cisternas onde bebem deuses gregos.

Se te encontro nos espelhos, ardo às chamas que se erguem do cedro dos teus joelhos.

159

Um banquete para celebridades políticas tem vinhos das melhores adegas vinhos que parecem tochas acesas nos altares dos deuses e alcoólatras. Tem devaneios e peixes fritos galinhas e confidências ao molho pardo perus de esqueletos obscenos sem o leque da cauda para refrescar as dondocas.

Um banquete é o lugar onde se fala mal das pessoas de ambos os sexos dos poetas que escrevem sonetos com chaves de ouro das mulheres casadas que namoram às escondidas das cúpulas que só pensam em cópulas do vestido decotado da mulher do vizinho aquela que tem belas nádegas para mostrar aos admiradores das curvas e ondulações mais íntimas.

Um banquete para os olhos da luxúria e as garrafas de vinho das adegas de espumas aromáticas.

160

O Rio São Francisco é uma serpente encantada que desliza sobre vidraças de água. Às vezes passa a impressão de um rio sonolento onde os peixes fabricam esconderijos de espuma para se protegerem de inimigos e anzóis.

O Rio São Francisco foi inventado por Deus com o que sobrou das águas do dilúvio e dos invernos dos tempos em que Adão e Eva namoravam o fruto proibido e só o provaram depois de seduzidos pela astúcia de uma serpente à procura de novidades à sombra das árvores do Éden.

Foi assim que os nossos pais abriram os olhos ainda úmidos de barro para as delícias do pecado, que veio a ser a descoberta do amor, esse "pássaro de ovos de ferro", no modo de pensar de João Guimarães Rosa.

161

É a sombra da vela ou a sombra do corpo que fugiu do navio ancorado no porto?

É a vela do barco no mastro do corpo. A mortalha de espuma com que se veste o morto.

A sombra que sobe os degraus da escada é a mesma que vai de regresso à eternidade.

Retrato de uma infanta à sombra de uma árvore. O vento e a chuva a irrigam com gemidos de mármore.

A sombra que se enfeita com chifres de touro entra no purgatório por uma porta de fogo. O retrato à deriva na parede vazia sai da sombra do corpo pelas frestas do dia.

A sombra do morto sem plumas e sem asas expulsa pelo vento que desmantela as casas.

162

Na parede da sala o relógio me acorda com doze pancadas de agouro. Galos se esbaldam nos quintais vizinhos. Uma orgia de relâmpagos desenha alegorias no céu e nas favelas alagadas. Fantasmas de ancestrais fazem confidências ao cupim das gavetas, onde o tempo destrói castelos de areia e cartas de amor.

Chove fino no corpo e na alma. Tenho a impressão de que os fantasmas me expulsam dos lençóis como se eu não fosse um deles.

Galos voltam a cantar. Uma rajada de notas musicais me coloca de novo no centro do universo e de mim

A morte é branca, ou talvez incolor como a água ou o vento, que apaga as estrelas.

Talvez amarela talvez encarnada talvez da mesma cor das artérias do mármore.

A morte vem de longe, outras vezes de perto montada numa foice ou num cavalo negro.

Às vezes nos assalta nas esquinas, nas curvas. Ou deita em nossa cama à esquerda das viúvas.

Como a água ou o vento, que apaga as estrelas. Como os vinhos que dormem nas garrafas negras.

A beleza é fundamental. até numa tartaruga. Principalmente se a amada não tem sombra de verruga. Se não é baixa nem alta, se é magricela ou carnuda. Se tem os dentes mais brancos que as deusas de Hollywood. Se não tem as pernas finas por carência de saúde. Se tem os olhos de amêndoa à falta de outra virtude. A beleza é fundamental para as louras e as morenas quando se despem nas praias ou se beijam nos cinemas. A beleza nos fascina. nos encanta e nos aturde na penumbra das igrejas e até dentro do ataúde.

165

O tempo é uma paisagem de acrílico contemplada por ninguém.

Camelo que não se dobra para ser engolido por uma cobra.

Fantasma de morfina, acorda em nossa cama ou dorme numa esquina. O tempo não passa, como as águas de um rio, pelas pernas de Heráclito.

Obelisco de areia ao sarcasmo do vento que nos expulsa da aldeia.

Lápide de árvores onde se enterram os ossos das metáforas.

166

A tarde repousa sobre os viadutos, o pólen das lápides dos mortos ilustres.

Tarde dilacerada pelas folhas mortas. As nuvens são panteras de uma floresta exótica.

Tarde sonolenta de douradas pálpebras. Cães e abutres sangram pelos arrabaldes.

Nessa tarde ubíqua de cabelos brancos, palavras e utopias se afogam nos pântanos.

Morcegos e andorinhas no azul desenham curvas. Pombas se entrelaçam nessa tarde pública.

Nos raios da estrela, na esfera, no arco, na concha, na pérola. E em toda parte.

Em cada planeta que imprime o seu rastro de fogo no abismo. E em toda parte.

No seio da infanta, nas veias do olfato, no corpo do vinho. E em toda parte.

No sol das artérias, na aurora escarlate das pombas de Roma. E em toda parte.

Nos anéis de Saturno, nos vales de Marte, no vento sem âncoras. E em toda parte.

168

Subitamente descobrimos o acaso na nuvem que passa pelo pássaro ou no pássaro que soturnamente percorre a nuvem.

De repente aprendemos a flor das coisas e os seus movimentos na paisagem. De repente trocamos a imagem pela paisagem a palmatória pela parábola. De repente descobrimos que os espelhos nos evitam que o amanhã pertence aos outros que da janela somos observados por super-homens de celulóide.

De repente é o metal do amor que silencia no coração onde tudo é paisagem.

Subitamente compreendemos que as palavras envelhecem com os homens que o amor também envelhece quando as palavras envelhecem.

169

peixe de água doce peixe dos oceanos peixe dos córregos peixe dos pântanos.

peixe que se enamora dos seios das sereias peixe que nos devora nas travessas das ceias.

peixe com batom e rímel peixe com ímã nos olhos peixes ressoam nos búzios harpas de cordas velozes.

peixe de escamas de fogo e barbatanas de cobre peixe que não morde nunca a isca magra do pobre.

peixes dançarinos das águas mais profundas não sabem que as baleias são noivas das espumas.

não é de agora que a solidão nos põe a garra não é de agora que a luz dos mortos em nossa casa não é de agora que a eternidade nos comemora não é de agora que a terra acesa feito quermesse não é de agora que tanto espaço nos empobrece não é de agora que a noite é messe de pirilampos não é de agora que o deus do zênite é o meio-dia não é de agora que a minha raiva te acaricia.

171

Na noite negra a gente corre com tanta pressa a gente morre com tanta guerra porém não sabe quando é que chega. Na noite negra tudo é sombrio tudo é veloz tudo se passa como um segredo. Com tanta guerra com tanto medo o amor é um rio que seca em nós.

Na noite negra de insônia e asfalto tudo é incerteza que não se acaba tudo é palavra que se inaugura tudo termina no anonimato.

Na noite negra pássaro erradio pousa no vértice da nossa voz. Com tanta guerra com tanto medo o amor é um rio que seca em nós.

Parte de mim meu ser por dentro minha outra face que não me lembro (esta agonia anda no vento).

Parte do sonho que dura sempre vida enroscada noutras presenças (esta incerteza anda no vento).

Parte do sumo que a mão espreme plumas do arcanjo sobras do invento (esta saudade anda no vento).

Parte da vida que a morte engendra grito e mergulho fora do tempo (este presságio anda no vento).

Parte de mim que não entendo minha outra face que ri por dentro (esta mentira anda no vento).

Muda de barraco muda de favela muda de subúrbio muda de tristeza muda de solidão porém muda em vão.

Muda como o vento muda como a nuvem muda de tática muda de técnica muda de ilusão porém muda em vão.

Muda de premissa muda de promessa muda de problema muda de potassa muda de patrão porém muda em vão.

Muda de espelunca muda de esperança muda de bactéria muda de batistério muda de religião porém muda em vão.

Muda de migalha muda de mortalha muda de maleta muda de muleta muda de barração porém muda em vão. Muda de hábito muda de álibi muda de veneno muda de vizinho muda de munição porém muda em vão.

174

Quem é que tosse na noite morta? quem é que fala no quarto escuro? quem é que sonha na cama de pedra? quem é que espera pelo filho pródigo?

Quem é que escuta
o clamor dos mendigos?
quem é que agoniza
na sala deserta?
quem é que se lembra
do punhal no seio?
quem é que acena
para o filho pródigo?

Quem é que pranteia a velha dançarina? quem é que consola o menino morto? quem é que tange o sino da aldeia? quem é que chama pelo filho pródigo? Quem é que celebra os frutos amargos? quem é que recolhe as ovelhas perdidas? quem é que debulha as espigas da insônia? quem é que abre a porta para o filho pródigo?

Quem é que se afoga nos mares de Ulisses? quem é que adivinha os remos da nau? quem é que anuncia o frescor das romãs? quem acende a candeia para o filho pródigo?

Quem semeia o trigo
nos campos de Booz?
quem despe os mendigos
dos crepes da fúria?
quem volta de Gomorra
num cavalo negro?
quem clareia a estrada
para o filho pródigo?

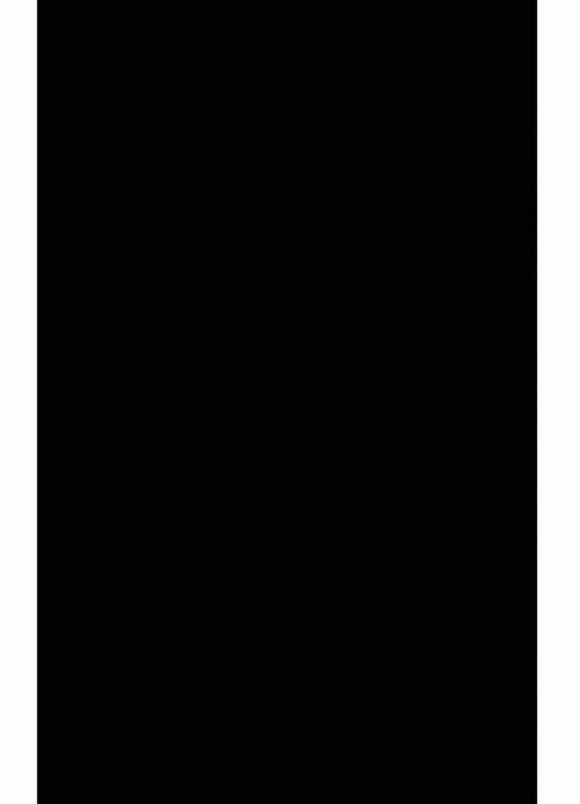
Quem nomeia o pássaro degolado na aurora? quem pastoreia a alma e as feridas do homem? quem vai ao deserto à procura da flor? quem decifra o enigma para o filho pródigo?

raios dos olhos dos tigres
raios da estrela
raios da esfera
raios da súplica
raios da roda
raios do radar

raios da curva
raios da reta
raios do círculo
raios do meridiano
raios da matéria
raios do espírito

raios alfa
raios beta
raios delta
raios gama
raios dos olhos
de quem ama

raios do vento
raios do fogo
raios da chuva
raios da ira de Deus
raios do paráclito
raios que o partam.



O vento te embala mas é a eternidade que te acaricia.

Numa idade mítica já fomos amamentados pela metafísica.

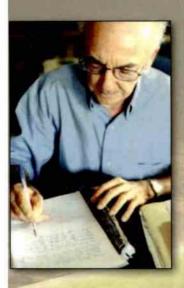
Entre no ritmo do amor porque o amor nunca perde o ritmo.

Os grandes homens foram pescar a eternidade com seus anzóis de cristal.

À noite todas as coisas vergam o seu caule.

Ao negro rio com nossos remos.

O tempo é uma fera que nos esmaga com dentes de leite.



Francisco Carvalho parece haver chegado ao ponto mais alto de sua arte, na maturidade plena do seu espírito visionário e na vivência de sua fábula de homem e de artista. (...) Mais uma vez, sua voz se ergue magistral, celebrando o ser e o mundo, o finito e o infinito, o circunstancial e o eterno.

Artur Eduardo Benevides

Assim é a poesia de Francisco Carvalho: um poeta moderno com uma densa compreensão da importância dos conceitos de Antiguidade e Contemporaneidade. Poetas à semelhança de Francisco Carvalho são poucos em cada século. O alogicismo de sua linguagem é característico da melhor arte do nosso tempo.

César Leal

Os versos em *Mortos não Jogam Xadrez* beiram as fímbrias da Palavra. São uma lavoura de encanto e bruxaria. Toda a lavra conhecida da linguagem poética de Francisco Carvalho possui o mesmo domínio dessa filha da Memória. Já no arremate dos poemas, parodiando Caminha, a marca irônica da metáfora aproxima-se da História.

Foed Castro Chamma

